

Práticas formativas de professores formadores articuladas com os anos iniciais da educação básica

**Practical teacher formators formation articulated
with the early years of basic education**

Simone Regina Manosso Cartaxo

Universidade Estadual de Ponta Grossa

simonemcartaxo@hotmail.com

Joana Paulin Romanowski

Pontifícia Universidade Católica do Paraná,

Centro Universitário Internacional, Bolsa

Produtividade em Pesquisa-CNPq

joana.romanowski@gmail.com

Pura Lúcia Oliver Martins

Pontifícia Universidade Católica do Paraná,

Bolsa Produtividade em Pesquisa - CNPq

pura.oliver@pucpr.br

Resumo

O artigo toma como objeto de estudo a relação da formação inicial de professores com a educação básica, pela via da influência das experiências dos professores formadores naquele nível de ensino, em diferentes tempos e espaços, durante sua formação e atuação docente. O objetivo é analisar a relação das experiências dos professores formadores com a educação básica, em diferentes tempos e espaços, durante sua formação e atuação docente, com as propostas de ensino que valorizam e desenvolvem, na perspectiva de articular os cursos de formação inicial de professores com a realidade das escolas. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. As experiências dos formadores foram apreendidas quanto ao período de formação inicial, trabalho com professores dos anos iniciais, docência na educação básica, parcerias estabelecidas nas práticas de formação e participação em grupos de pesquisa. As análises dialogam com o conceito de experiência histórico cultural resultante da luta de classes em que a formação acontece entre o ser social e consciência social, pois as experiências históricas são apreendidas por homens e mulheres concretas. O estudo revela que a prática de formação desenvolvida por esses professores nos cursos de licenciatura articula-se com a educação básica. Essa articulação por meio de experiências vivenciadas em diferentes tempos e espaços constitui um processo de formação de "tipo novo", compreendendo a formação do professor para a educação básica na sua totalidade.

Palavras-chave: Prática de professores formadores. Cursos de licenciatura e anos iniciais do ensino fundamental. Relação entre experiência e prática docente.

Abstract

The article takes as its object of study the relations of initial teacher education with basic education, via the influence of the experiences of former teachers at the school level, in different times and places during their undergraduate and teaching practice. The objective is to analyze the relationship of the experiences of former teachers with basic education, in different times and spaces during formation and teaching practice, with the proposals teaching that value and develop in the perspective of articulating the initial education teacher courses with the reality of schools. This is a qualitative study with semi-structured interviews as a data collection instrument. The experiences of the professors were seized as the initial formation period, working with teachers in the early years, teaching in basic education, partnerships in teacher education practices and participation in research groups. The analyzes dialogue with the concept of resulting cultural historical experience of the class struggle in which the education happens in between the social being and social consciousness because the historical experiences are apprehended by men and women concrete. The study reveals that the practice of teacher education developed by teachers in these degree courses is linked to basic education. This articulation through experiences lived in different times and spaces is a process of formation of "new type", including the education of teachers for basic education in its entirety.

Keywords: Practice professors teachers. Courses undergraduate and early years of elementary school. Relations between experience and teaching practice.

I ntrodução¹

As investigações sobre a formação inicial de professores e a interlocução com a educação básica têm se intensificado neste início de século e é crescente a preocupação com as contribuições das pesquisas desenvolvidas na área da educação para a prática desenvolvida naquele nível de ensino. Isso pode ser verificado nos estudos e pesquisas de Gatti e Nunes (2009), Gatti, Barreto e André (2011), Brzezinski (2009), Diniz-Pereira e Amaral (2010) e Romanowski (2012), dentre outros. Em seus estudos, esses pesquisadores denunciam o persistente distanciamento entre os cursos de licenciatura e a educação básica. Em decorrência, verificamos uma insuficiência formativa para a docência (GATTI; NUNES, 2009; LIBÂNEO, 2010; VAILLANT, 2010), gerando demandas para a formação de professores e tornando-se urgente buscar elementos para ampliar as discussões e elaborar propostas.

Nesse sentido, este texto tem como objetivo é analisar a relação das experiências dos professores formadores com a educação básica, em diferentes tempos e espaços, durante sua formação e atuação docente, com as propostas de ensino que valorizam e desenvolvem, na perspectiva de articular os cursos de formação inicial de professores com a realidade das escolas.

Partimos do pressuposto de que a experiência dos professores com a educação básica, em diferentes tempos e espaços, influencia sua prática como formadores de docentes para aquele nível de ensino. Isso porque entendemos que as experiências vividas tendem a estar contidas na prática profissional desses formadores, estabelecendo um diálogo entre o evento e o conceito, o ser social e a consciência social, ressaltando seu caráter sócio-histórico (THOMPSON, 2001, 2009).

Na realização deste estudo, tomamos como eixo epistemológico a concepção de teoria como expressão da prática (MARTINS, 2008), não seu guia. Desse ponto de vista, os professores, como trabalhadores da educação, gestam novas práticas em função das necessidades do contexto sócio-histórico em que atuam. Em decorrência, vivenciam situações que os levam a criar novas formas de organização do processo de ensino, denominadas por Santos (1992, 2004) relações sociais de “tipo novo”, as quais constituem práticas materiais e sociais determinadas pelos problemas postos pela prática.

Com efeito, essas relações de “tipo novo” foram observadas na forma de organização dos cursos de licenciatura que constituíram o campo de investigação do presente estudo, expressando-

¹ Parte do texto foi publicada no II Simpósio Internacional sobre Desenvolvimento Profissional Docente UTFPR 2015.

se na formação dos professores pela articulação das práticas pedagógicas desenvolvidas nesses cursos com a realidade das escolas de educação básica, numa perspectiva de totalidade. Entendemos que essa articulação não se restringe apenas à docência das disciplinas específicas nos anos finais do ensino fundamental e médio, mas envolve a compreensão da organização pedagógica da escola como um todo, bem como do processo de ensino como processo de formação de crianças e jovens, desde a educação infantil até o ensino médio. Trata-se de compreender o curso de licenciatura para além da formação técnica para o ensino disciplinar.

Se assim pensamos é porque o foco no ensino estritamente disciplinar tem sido uma prática estabelecida historicamente devido à antiga separação entre o professor da escola primária e os professores do secundário, pelo fato de carregarem culturas profissionais e formações distintas (LÜDKE; MOREIRA; CUNHA, 1999; SAVIANI, 2009; ARANHA; SOUZA, 2013). Essa prática nos remete à proposição de questionamentos: (i) a organização e prática pedagógicas dos professores dos anos iniciais são diferentes das dos anos finais?; (ii) essas diferenças interferem nos resultados do processo de ensino?; (iii) elas estão relacionadas aos cursos de formação de professores? Tais questionamentos derivam da nossa compreensão de que a interlocução dos cursos de licenciatura com a educação básica, contemplando todos os níveis de ensino, é de fundamental importância. Além disso, apostamos na possibilidade de existirem professores das licenciaturas que fazem essa interlocução, inclusive, com os anos iniciais.

Com esse olhar, buscamos analisar as experiências de professores de cursos de licenciatura que mostraram, em suas práticas, formas de interlocução do ensino com os anos iniciais da escola básica, a fim de fornecer pistas para os processos e práticas de formação nas licenciaturas.

Para encaminhar as reflexões sobre a relação das experiências dos professores formadores da licenciatura com a educação básica, em diferentes tempos e espaços, durante sua formação e atuação docente, inicialmente tratamos do percurso metodológico do estudo; em seguida, apresentamos os indicadores das práticas dos formadores, com base em suas experiências como licenciandos e docentes; para finalizar, tecemos nossas considerações finais.

A pesquisa

Dadas as características do objeto e dos objetivos do estudo, a abordagem da pesquisa é qualitativa, pela análise de dados coletados junto a professores formadores, o que a aproxima do meio natural, como afirma André (1995). Os critérios de seleção dos participantes foram estabelecidos a partir de um estudo exploratório, por meio do levantamento de projetos

pedagógicos de cursos de licenciatura que apresentavam evidências sobre uma articulação com os anos iniciais da educação básica.

Tal estudo exploratório foi realizado mediante consulta ao *site* dos cursos de licenciatura das universidades públicas do Brasil, buscando os projetos pedagógicos e as ementas. Foram consultados 1.177 cursos de licenciatura, tendo sido salvos 132 projetos pedagógicos, disponíveis *on-line*, em arquivo próprio para leitura e análise posteriores. A leitura dos projetos pedagógicos e ementas disponíveis foi realizada com o auxílio de ferramenta de busca de palavras-chave (WILLIAMS, 2007), que identifica as palavras-chave para um conjunto de vocábulos selecionados pelos significados vinculados à sua interpretação e contexto, além de palavras que envolvem ideias e valores e que desenvolvem significados sem seu contexto compreendido pelas evidências históricas.

Após a análise documental, foram localizados professores formadores que realizam práticas em interlocução com a educação básica. Foram entrevistados 12 profissionais, de sete universidades públicas do Brasil. O conteúdo das entrevistas tomou por base estudos de Cartaxo (2013), focalizando a relação entre a análise do percurso de formação e a experiência dos professores das licenciaturas, a fim de identificar indicadores explicativos sobre práticas de interlocução com os anos iniciais da educação básica. Buscamos, com isso, os espaços e tempos em que as experiências dos professores formadores foram originadas.

Para a análise de conteúdo, consideramos as indicações de Bardin (2009), tendo a análise da prática dos professores se apoiado nos pressupostos da experiência humana tomada como possibilidade de constituir conhecimento (THOMPSON, 2001). Para Thompson (2001), homens e mulheres são sujeitos que vivenciam experiências e pensam sobre elas na sua complexidade, dentro de suas consciências, e em seguida agem em situações determinadas. Desse ponto de vista, a experiência não se reduz ao senso comum, como defendem muitos intelectuais, mas é possível de ser elaborada na forma de conhecimento. Assim, toda a base teórica deve ser apreendida na prática do agir humano e na medida do diálogo entre teoria e evidência. Nessa perspectiva, entendemos que “o tempo de se discutir constituiu-se nos espaços sociais que abrigam os professores formadores (escola-universidade-grupos de pesquisa) e, portanto, não se encerra em um espaço delimitado” (CARTAXO; MARTINS, 2014, p. 363).

Da experiência de professores formadores ao conhecimento da formação

Apoiadas na concepção de que as experiências vividas em diferentes espaços e tempos de formação tendem a estar contidas na prática profissional e de que, segundo Thompson (2001, 2009), as práticas se associam às experiências vividas pelo sujeito de forma dialógica entre o

evento e o conceito, o ser social e a consciência social, buscamos apreender os espaços e tempos significativos na sua formação que resultaram em práticas formativas articuladas aos anos iniciais do ensino fundamental. Tais espaços – assim constituídos: (i) período de formação inicial; (ii) trabalho com professores dos anos iniciais; (iii) docência no segundo segmento do ensino fundamental; (iv) parcerias estabelecidas nas práticas de formação; (v) participação em grupos de pesquisa – nos possibilitaram sistematizar indicadores das práticas dos formadores.

- **Experiências articuladas com a formação inicial**

Segundo Formosinho (2009), o período da formação inicial, como primeira etapa da formação dos professores, tem a especificidade intrínseca à profissão, pois a docência se aprende pela vivência da docência. Para Mizukami (2002), a formação do professor precisa ser entendida na ideia de processo, o que obriga considerar o estabelecimento de um fio condutor que produza sentidos e explicita significados entre a formação inicial, a formação continuada e as experiências vividas. Foi nessa perspectiva que as entrevistas aconteceram e os professores apontaram, em diferentes momentos da sua vida, relações com os anos iniciais da educação básica. O período de formação inicial dos sujeitos da pesquisa teve destaque pelas experiências que ofereceu durante o tempo em que eram licenciandos. Foi possível identificar as experiências e momentos de descoberta e reflexão que indicavam o reconhecimento da experiência com a educação básica nos anos iniciais.

Para os professores formadores, o período em que cursaram a licenciatura foi determinante para a atual relação de suas práticas com os anos iniciais e finais do ensino fundamental. Nos seus relatos, destacaram a existência de um professor-referência, que estimulou a inserção nesse nível de ensino, como no caso do professor formador do curso de Geografia, que realizou trabalho pedagógico com os anos iniciais da educação básica quando licenciando.

Uma segunda referência no processo de formação do futuro professor consiste na prática docente de seus formadores. Experiências do formador em lugares específicos durante o curso de formação inicial, como, por exemplo, nos anos iniciais do ensino fundamental, favorecem sua inserção na prática e a interlocução com esse espaço. Tal inserção se expressa por participação e vivência de situações pedagógicas no espaço escolar, formas de intervenção, desenvolvimento de projetos, entre outros. A propósito, o professor Marcelo relatou suas experiências durante o período em que cursava Geografia, entre elas, a possibilidade de vivenciar situações pedagógicas com os anos iniciais por intermédio da monitoria. Especificou que a professora (do curso de graduação) o inseriu nesse trabalho e que esse momento ficou marcado como o início da sua inserção profissional nesse nível de ensino. Assim ele se expressou:

A universidade possui um colégio de aplicação e nesse momento todas as licenciaturas estavam em acordo com o colégio, tentando reorganizar o currículo não só da antiga 1ª a 4ª série, mas também de toda a educação básica. Foi nesse momento que eu comecei a ter um contato mais estreito, coisa que não é muito comum, não é? Com o trabalho que se desenvolve de 1ª a 4ª série. Então, a gente organizou o currículo do colégio e eu tive a oportunidade de compreender um pouco o que seria o ensino de geografia para crianças de seis, sete, oito anos. (PROFESSOR MARCELO).

O professor Lucas também estabeleceu uma relação entre sua ação docente na universidade hoje e o tempo em que era estudante da graduação em Geografia e exercia monitoria na disciplina Prática de Ensino. Ele, por exemplo, participou das discussões realizadas para a formulação da proposta curricular da Secretaria de Educação com sua professora formadora. Relatou:

Um semestre anterior, quando estava cursando Prática de Ensino I, tive a oportunidade de discutir com a professora da disciplina a reforma curricular proposta para as séries iniciais do 1º grau. Então, tive a oportunidade de conhecer, como aluno, muitas dessas discussões, no caso das séries iniciais. (PROFESSOR LUCAS).

A referência ao papel do professor formador pode ser compreendida a partir da afirmação de Goodson (2007), que, ao tratar da história de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional, aponta uma característica comum do ambiente sociocultural presente nas narrativas dos professores a respeito do professor-referência, pois este serve de “modelo funcional” e influencia uma visão subsequente do ensino.

Outra experiência do professor Lucas referiu-se à intervenção na produção de materiais didáticos para as crianças com o apoio do professor, na graduação, que teve continuidade em projetos posteriores. A elaboração de materiais didáticos para os anos iniciais do ensino fundamental foi uma forma de aproximação com esse nível de ensino. Assim ele se expressou:

Nas atividades de monitoria, em conjunto com a professora responsável, desenvolvemos um projeto com as séries iniciais. Como parte das atividades da monitoria, observei a 2ª série e o produto dessa monitoria foi a elaboração de uma cartilha. Essa cartilha rendeu muito [...] porque ela foi indicada para premiação. [no Encontro de Iniciação à Docência] (PROFESSOR LUCAS).

Os professores Lucas e Marcelo reconheceram o momento que marcou o trabalho com os anos iniciais da escola básica. Ambos trabalham em cursos de licenciatura em Geografia e desenvolvem propostas de ensino que levam os licenciandos a compreender o ensino da geografia desde os anos iniciais da educação básica.

- **Experiências com a docência na educação básica**

A docência na educação básica foi apontada pelos professores formadores como experiência que aproxima a compreensão dos professores em relação aos anos iniciais do ensino fundamental. O período de transição do primeiro para o segundo segmento do ensino fundamental é marcado por muitos conflitos e exige uma grande adaptação dos estudantes e professores. Para o professor Rafael, essa experiência possibilitou fazer algumas reflexões e também algumas escolhas. Durante o tempo em que trabalhou com os estudantes desse nível de ensino, percebeu questões práticas a respeito da compreensão destes sobre o conteúdo específico da área, da forma de organização dos estudantes, da linguagem adequada para o ensino naquele nível e da sua própria formação. A partir disso, refletiu sobre sua opção de trabalhar com o ensino médio:

Tive umas experiências boas com 5ª série. Eu gostava, mas eu acho mais fácil trabalhar com o ensino médio, a gente vai migrando, a linguagem já é mais direta. A gente estranhava, porque não tem experiência de trabalhar com essa idade. Eles perguntavam: 'Professor, é com caneta? É com lápis?'. Sabe? É uma coisa que eu me lembro, nós não somos preparados para trabalhar com essa idade (PROFESSOR RAFAEL).

Para o professor Paulo, o fato de ter trabalhado com estudantes do segundo segmento do ensino fundamental, principalmente 5ª série/6º ano, o auxiliou a compreender o processo de continuidade entre esses segmentos. Segundo ele, outras pessoas do departamento em que trabalha na universidade partilham da ideia de articular o ensino da geografia desde os anos iniciais ou pelo menos fazer uma aproximação. Em suas palavras:

Eu sou até amigo da professora [nome da professora], a gente discutiu isso uma vez e eu coloquei exatamente isso que eu falei da minha experiência, quando cheguei à 5ª série e senti essa falta de cuidado na formação das séries iniciais com os temas transversais, no sentido de que eles chegassem à 5ª série já com uma visão aberta e não com uma visão pontual. Sempre me preocupou isso. (PROFESSOR PAULO).

A percepção sobre a docência no segundo segmento do ensino fundamental foi uma experiência significativa e tornou-se tema de discussão entre os pares na universidade. Revela-se, dessa forma, que as discussões sobre questões do cotidiano escolar levam os professores à reflexão e são determinantes para o processo de formação.

- **Experiências com as parcerias estabelecidas nas práticas de formação**

As parcerias entre professores interferem nas práticas da docência. Nos cursos de licenciatura, elas podem ser estabelecidas entre professores formadores desses cursos e entre eles e professores da educação básica.

Para Thompson (2009), é preciso considerar o mundo real e sua força propulsora, na medida em que a experiência entra em cena a qualquer momento e, elaborada na forma de conhecimento, interfere em velhos sistemas conceituais, originando novas problemáticas. Nesse sentido, o professor Paulo trouxe elementos de sua experiência como docente para o grupo de trabalho na universidade, tendo a possibilidade de discutir sobre sua prática. Ao conversar com uma colega de trabalho, falou da sua preocupação com a continuidade do ensino entre os diferentes níveis. Juntos, começaram a fortalecer uma ideia, traduzida no projeto pedagógico do curso. Segundo dados da entrevista, essa proposta de articulação da licenciatura com os anos iniciais da escola básica era uma ideia anterior ao ano de 2005 (data de elaboração do projeto pedagógico do curso) e defendida por outros professores do departamento.

O professor Felipe, que trabalha com o professor Paulo, também vivenciou uma experiência na universidade em que atuou anteriormente, em que o curso de Licenciatura em Geografia proporcionava estágio com os anos iniciais da educação básica. Sua participação na elaboração do projeto pedagógico do curso contribuiu para a sistematização de um caminho de aproximação das licenciaturas com os anos iniciais.

Os professores Paulo e Felipe, além da professora citada na entrevista, todos da mesma universidade, mostraram que as práticas realizadas no curso de Geografia são decorrentes desse modelo aberto, que envolve a experiência de cada um, a realidade concreta em que trabalharam/trabalham e o pensamento construído a partir da realidade concreta e prática. A problematização da própria prática possibilitou uma nova forma de organização do curso de licenciatura.

É de conhecimento que os cursos de licenciatura nas diferentes áreas (com exceção de Pedagogia, Educação Física e Artes) não privilegiam a docência com estudantes dos anos iniciais da educação básica. No entanto, com a narração do professor Paulo sobre aspectos da sua prática e a consequente inclusão, no projeto pedagógico, de estágio com a educação infantil e anos iniciais, identificamos que essa nova forma de organização do curso se originou na problematização da prática pedagógica dos professores envolvidos no processo. Sobre isso, Martins (1998) afirma que a transformação social resulta de um processo construído na e pela luta dos professores, momento em que aparecem as contradições da prática, que levarão à construção de novas teorias expressando a ação prática dos sujeitos, rompendo com a ideia de que a teoria guia a prática. Esse

é considerado um modelo aberto de construção de novas práticas, que, segundo a autora, compreende a realidade, a ação sobre a realidade e o pensamento decorrente dessa ação prática, que, por sua vez, expressa uma teoria que pode indicar caminhos para novas práticas, sem, contudo, exercer o papel de guia da prática.

- **Experiências das parcerias com professores da educação básica**

Outra forma de experiência evidenciada nas entrevistas diz respeito às experiências que professores dos cursos de licenciatura tiveram ao trabalhar com professores dos anos iniciais da educação básica. O professor Rafael, por exemplo, não atuou como docente nos anos iniciais da educação básica, mas, no início da carreira, teve uma experiência que foi significativa para ele: trabalhou em uma escola onde havia estudantes da 1ª à 8ª série e atuavam professores especialistas (das áreas do conhecimento) e generalistas (as professoras de 1ª a 4ª), que o auxiliaram a compreender melhor a estrutura do ensino fundamental. Embora não tenha trabalhado com os anos iniciais, reforça a seus alunos da graduação a importância do trabalho nesse segmento. Relatou:

Eu trabalhei no segundo ciclo, é isso, o que era a 5ª à 8ª, hoje do 6º ao 9º ano. Nunca trabalhei com as séries iniciais. Mas eu gostaria de ter tido essa experiência! Na escola em que comecei a trabalhar, eu conversava muito com as professoras dos ciclos iniciais e via que elas tinham muito para dar, sabe? Da sua experiência profissional. O que os outros das licenciaturas, das áreas específicas, não tinham, sabe? A experiência mesmo! A estrutura do ensino que faz com que elas fiquem a maior parte ou o tempo inteiro com uma turma e isso faz diferença na formação, elas têm outro contato... já os professores das áreas específicas, eles têm inúmeras salas, então acaba sendo outra experiência, eles têm cinco 5ªs, cinco 6ªs, eles têm outra experiência, a interação é outra... (PROFESSOR RAFAEL).

Com efeito, observamos que o professor Rafael valoriza a experiência dos professores dos anos iniciais em relação ao ensino dizendo “elas tinham muito para dar”, “experiência mesmo”, e compara com sua própria experiência, que é outra, com outros alunos. É possível identificar, nesse exemplo, duas situações de experiência fundamentais: a experiência do outro e a própria experiência, que determina a experiência como docente no curso de licenciatura, em que as vivências anteriores são somadas e indicadas como um conhecimento necessário ao futuro professor. O diálogo que esse professor faz com as evidências (THOMPSON, 2009) da prática possibilita perceber os movimentos, os acontecimentos, que estão dentro do ser social e podem lançar-se, chocar-se, romper-se contra a consciência social já existente, originando novas experiências.

Já para o professor Roberto, sua experiência com os anos iniciais da educação básica começou quando teve a oportunidade de trabalhar na área de fonoaudiologia com supervisão

escolar em uma equipe da Secretaria da Educação da cidade em que morava. Atualmente, trabalha na universidade, com a formação de professores, e afirma que o trabalho realizado com professores das crianças auxiliou na compreensão da relação entre a formação do professor e os anos iniciais do ensino fundamental. Em suas palavras:

Eu trabalhava na área de supervisão escolar com professores da educação infantil, séries iniciais, e chegava a trabalhar com professores de língua portuguesa das séries finais do ensino fundamental, embora não fosse esse o foco do meu trabalho, era mais com professores que atendiam crianças de zero a oito, nove anos (PROFESSOR ROBERTO)..

Durante o desenvolvimento da conversa, falamos sobre a possibilidade de inserção do licenciado em Letras para atuar nos anos iniciais. Nesse ponto, o professor Roberto disse que não acredita que a atual formação no curso de Letras é adequada para atuar nesse segmento, porém falou de uma experiência vivenciada na cidade em que morava, que indica uma situação pouco comum:

Iniciei minha carreira docente no interior do [nome do estado do Brasil] e lá, sim, posso dizer, até porque atuei em Secretaria de Educação por seis anos, e posso falar com mais propriedade. Era muito comum a gente encontrar professores trabalhando nas classes, que na época se dizia classes de alfabetização, com formação em Letras. Eles faziam isso porque [...] tem professor e tem professor formado em Letras, e aí o gestor acredita que quem tá formado em Letras podia alfabetizar e acaba colocando. Eu acho que a formação no curso de Letras, como ela é hoje, no país, não é adequada para trabalhar com séries iniciais. (PROFESSOR ROBERTO).

No entanto, também expôs sua percepção a respeito da articulação entre o curso de Letras e os anos iniciais, evidenciando aspectos da formação do professor, que deveriam contemplar tanto questões pedagógicas quanto do conteúdo específico da linguística:

Por outro lado, acho que pela experiência que eu tive nessas escolas antes de entrar na universidade. Eu acho que o profissional de Letras tem que ter um entendimento maior do que se passa nesses anos iniciais, até porque compreende a continuidade do processo, mas por outro lado acho que carece um pouquinho do profissional que trabalha com as séries iniciais esse conhecimento que é a linguística. (PROFESSOR ROBERTO).

A questão abordada pelo professor Roberto a respeito dos cursos de licenciatura tem sido focalizada em vários estudos que buscam compreender como os cursos propõem a formação nas disciplinas pedagógicas e naquelas que tratam dos conhecimentos específicos, conforme apontam Romanowski e Martins (2009).

O professor Luciano apresenta, em seu relato, aspectos que têm servido para estreitar a relação do seu trabalho nas licenciaturas com os anos iniciais da educação básica. Embora não tenha atuado como professor nesse segmento de ensino, tem tido a oportunidade de conhecer

melhor essa realidade por seus alunos, filhos e pelo trabalho com formação de professores. Ele explica:

Como eu não tinha tido contato com a escola sendo docente, eu mantinha esse contato via alunos, então sempre orientando alguém, supervisionando o estágio deles. Mas as séries iniciais, o contato maior que eu tenho tido é agora com relação aos filhos que estão nas séries iniciais e também a própria formação dos professores. Aqui nós formamos um centro de educação continuada que passou a atuar muito na área de ensino infantil e primeiras séries. (PROFESSOR LUCIANO).

O professor Luciano relata que o trabalho de formação continuada prestado pela universidade atende tanto aos professores da educação básica quanto à formação dos estudantes da licenciatura em Matemática:

Então, nós temos nos preocupado muito com o conteúdo matemático, que principalmente os pedagogos, que são os professores das primeiras séries, carregam. A bagagem de conteúdo matemático que eles têm. Então a gente tem feito um papel de formador: nós traçamos oficinas e também no caso do Pró-Letramento. Os alunos participam da organização dessas oficinas, eles participam da própria oficina, muitas vezes como apoiadores, eles aprendem na prática conosco. (PROFESSOR LUCIANO).

Sua experiência com os anos iniciais da educação básica é construída à medida que novas demandas surgem, sendo que o trabalho com a formação de professores dos anos iniciais da escola básica tem possibilitado a ele uma interação maior com esse nível de ensino. A escola passa a ter centralidade nos encaminhamentos que o formador realiza com os licenciandos. Embora não tenha sido docente nos anos iniciais, é possível perceber que as questões da prática têm determinado uma nova forma de relação do ensino da matemática para as crianças, na medida em que apontam a preocupação com o conteúdo matemático e a valorização da participação dos licenciandos na organização e acompanhamento dos cursos.

- **Experiências dos professores formadores nos grupos de pesquisa**

O trabalho dos professores formadores nos grupos de pesquisa foi outra experiência recorrente relatada pelos entrevistados. Os professores das licenciaturas narraram experiências decorrentes da atuação nos grupos de pesquisa nas áreas de Geografia, Letras e Matemática, que indicam como as relações com a educação básica se constituem e oportunizam aos estudantes da graduação a experiência com o trabalho docente nos anos iniciais. Como exemplo, temos o caso vivenciado pelo professor Vicente, que coordena um grupo de pesquisa, contando com a participação de alunos da graduação:

A gente faz um trabalho diretamente com as escolas, com a educação infantil, certo? E aí com todos os segmentos e envolvendo os alunos. Inclusive, os alunos têm bolsa, até antes desse projeto institucional do governo. E aí eles se ligam às pesquisas, aos laboratórios de geografia, e desenvolvem pesquisas a partir disso, se ligavam muito ao ensino da geografia na educação infantil e início da educação básica. (PROFESSOR VICENTE).

Já o professor Otávio, que atua como coordenador do curso de Matemática, relatou que alguns professores do curso desenvolvem pesquisas relacionadas à matemática nos anos iniciais e que os levaram a participar de um trabalho em âmbito nacional de formação de professores. Assim ele se expressou:

Como é um projeto muito grande esse Pró-Letramento e envolve muitos professores do Departamento de Matemática, alguns professores do Departamento de Educação naturalmente eles atraem um número dos alunos do curso de Matemática que desenvolvem trabalhos com os projetos. (PROFESSOR OTÁVIO).

O professor Juliano é pesquisador na área de fonética e fonologia e, como professor da licenciatura, procura estabelecer uma relação com a aprendizagem das crianças nos anos iniciais, embora não seja a tônica do curso. Relatou:

Mas a gente faz sempre uma tentativa de trabalhar com os alunos mostrando, a partir da disciplina, que dificuldades os alunos teriam em função, por exemplo, da relação grafema-fonema e vice-versa. As crianças, quando estão sendo alfabetizadas nesses níveis iniciais de aprendizagem, o que isso poderia trazer de problema. (PROFESSOR JULIANO).

O professor Juliano relatou aspectos específicos da região em que se situa a universidade, os quais servem de subsídio para as pesquisas e aulas no curso de Letras:

Muitas vezes a gente faz um trabalho de observar o sotaque de uma região. Então a gente analisa, traz dados dessa região, os alunos fazem as transcrições fonéticas, observam quais são os processos que ocorrem nessa fala. Isso fazendo só a questão fonética, fonológica. A gente tem, em [nome do estado do Brasil], a pronúncia... um sistema fonológico... no sistema fonológico do português do Brasil, a gente tem 2 Rs, exemplo: 'caro', 'carro'. (PROFESSOR JULIANO).

A iniciação na pesquisa científica é estimulada pelo professor Juliano já na graduação, de forma que os futuros licenciados possam dar continuidade:

Todo ano a gente tem a semana acadêmica do curso de Letras e os alunos que fazem esse trabalho final comigo (todos têm que fazer...) têm trabalhos que ficam muito bons. Então eu incentivo para que continuem pesquisando, para que continuem na área, e quando acontece a semana de Letras eu peço que divulguem seus trabalhos nos GTs. A gente abre para que eles possam publicar no caderno de resumos. É um incentivo para que eles continuem trabalhando na área. (PROFESSOR JULIANO).

O professor André atua na licenciatura e também na pós-graduação. Sua experiência com a pesquisa teve momentos marcantes decorrentes de sua formação acadêmica e da relação com a escola. Relatou que desde o início do trabalho como professor na universidade foi levado a desenvolver pesquisas com a alfabetização e que tem realizado muitas orientações para estudantes da graduação direcionadas à alfabetização:

Os alunos têm que fazer um relatório sobre questões linguísticas de escola e sempre aparece uma meia dúzia de alunos que vão fazer sobre alfabetização, porque, inclusive, eles têm aula da questão da linguagem oral e escrita e acham que juntam uma coisa com a outra, projetos de iniciação científica naquela área, então a gente consegue discutir essas questões daí. [...]
(PROFESSOR ANDRÉ).

Na relação com a escola, sua experiência retrata o papel fundamental da pesquisa, tendo os elementos da prática da escola. Detalhou um trabalho específico de pesquisador realizado junto à Secretaria de Educação do estado, momento em que as questões sobre alfabetização começaram a ser discutidas de forma ampla em vários pontos do país:

Eu fui procurado pela Secretaria de Educação do Estado [nome do estado], da parte relativa à alfabetização, porque eles achavam que as crianças tinham muitas dificuldades para se alfabetizar. Nós tivemos uma grande reunião e eu levei a [nome da professora] e o [nome do professor] para discutir com os professores alfabetizadores, diretores, com a Secretaria, o que era a questão linguística que a gente via na alfabetização. De um lado a gente não conhecia nada da alfabetização e do outro lado os professores não sabiam nada sobre linguística; a universidade precisa conhecer a alfabetização e a alfabetização precisa conhecer a universidade
(PROFESSOR ANDRÉ).

Esse professor possui uma trajetória de pesquisador desde os anos iniciais de atuação como docente na universidade e seu relato mostra que o envolvimento com a alfabetização se deu no campo da pesquisa devido a uma demanda proveniente de uma Secretaria de Educação. A busca por dados específicos sobre a alfabetização, a fim de planejar um trabalho com a formação dos professores, reflete esse seu perfil de pesquisador.

Os grupos de pesquisa parecem ter contribuído de forma relevante com os cursos de licenciatura investigados neste estudo. Por meio deles, estabeleceu-se um ponto forte de interlocução com os anos iniciais da educação básica. Com o relato dos professores, as informações obtidas na análise documental anterior e o percurso de formação de cada um, foi possível identificar que os professores: realizam pesquisas com os anos iniciais da escola básica; organizam a disciplina, na graduação, trazendo elementos da pesquisa que tratam de objetos de estudo diretamente relacionados a esse nível de ensino; e envolvem estudantes da graduação em projetos de iniciação científica, desenvolvendo atividades com professores e estudantes dos anos iniciais da escola básica. Dessa forma, esses professores formadores tornam-se referência para os

licenciandos, que são inseridos nas atividades de docência e pesquisa relacionadas aos anos iniciais da escola básica, e reforçam o princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão na universidade.

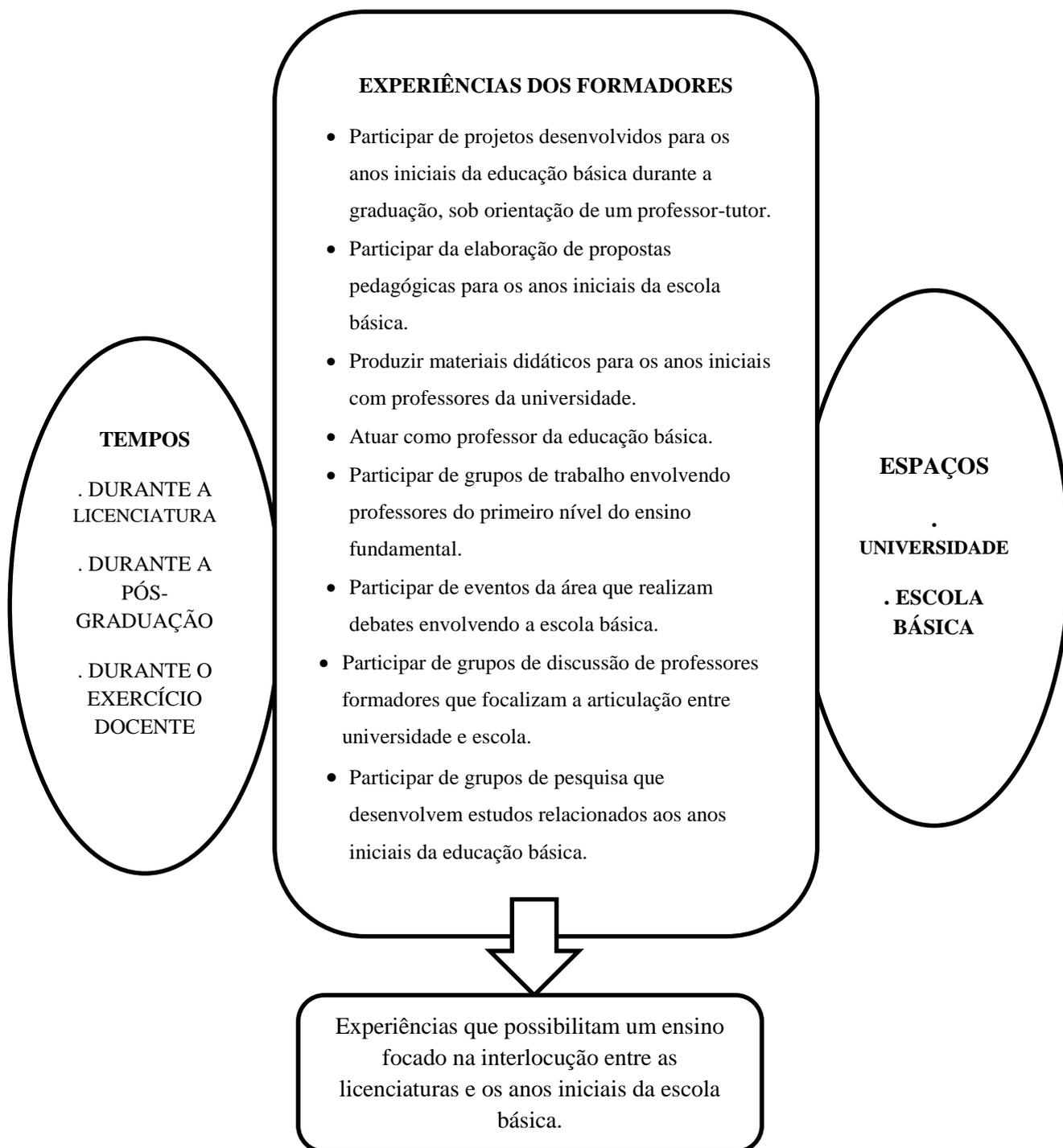
De fato, o papel dos grupos de pesquisa é um ponto fundamental no processo de formação inicial de professores e tem sido foco de análise de pesquisadores da área. Sobre a relação da pesquisa e do ensino, Zeichner (2010) aponta para a necessidade de uma mudança do eixo epistemológico na formação de professores que supere a visão hegemônica do conhecimento acadêmico e em que seja reconhecida a fonte de conhecimento produzido no campo da educação básica. Garcia (2012), por sua vez, analisa a especificidade da natureza do ensino em relação à atividade de pesquisa. Ao considerar os modelos de formação docente existentes, avalia que as políticas atuais confirmam um modelo instrumental sustentado na ideia de que basta, para o professor, o domínio de práticas produzidas em outros espaços e por outros profissionais para exercer a docência. No entanto, reforça que pesquisas indicam consenso em torno da ideia de que as inovações e transformações das práticas dependem mais da formação de professores para a produção de conhecimentos no campo da didática do que da aquisição de habilidades instrumentais para o ensino. Nessa perspectiva, a autora indica novas formas de entendimento das relações entre ensino e pesquisa, em que a escola se torna espaço de formação em pesquisa, ou seja, além do campo empírico, possibilitando, dessa forma, a construção de novos olhares da escola para a universidade e vice-versa.

Ao investigar a experiência dos professores formadores com os anos iniciais da educação básica, foi possível identificar que ela é construída em diferentes espaços e tempos, decorrendo das relações sociais vividas entre professores formadores e estudantes, entre professores e professores, entre a universidade e a escola, e apontando para possibilidades que podem ser valorizadas no processo de ensino nas licenciaturas.

A oportunidade que os professores tiveram de vivenciar a educação básica durante o período de formação inicial foi ocasional; suas experiências apontam situações implícitas nos cursos de licenciatura, mas não programadas nas disciplinas. No entanto, dela resultaram boas experiências. Isso indica que é possível a inclusão de intencionalidade das oportunidades ofertadas aos licenciandos, uma vez que promovem a integração entre educação superior e educação básica pela inserção destes no cotidiano da escola.

A Figura 1, a seguir, traz uma síntese das experiências vividas pelos professores associadas a diferentes tempos e espaços, exemplificadas nas entrevistas.

Figura 1 – Da experiência dos formadores ao conhecimento da formação.



Fonte: as autoras

Ao nos propormos a examinar as práticas de professores formadores de cursos de licenciatura que se articulam com os anos iniciais da educação básica, destacamos aqui os aspectos que emergiram das entrevistas, de modo a ampliar tal interlocução. Esses aspectos

referem-se a experiências que se expressam nas práticas dos professores formadores como possibilidades de inclusão da articulação entre a universidade e a escola.

Com efeito, esses professores formadores entendem a formação do docente como processo de interação entre a educação básica e a formação na universidade. As experiências na formação inicial, como docentes da educação básica, as parcerias entre professores de cursos de licenciatura e com professores da educação básica e os grupos de pesquisa imprimem marcas na atuação profissional como professores formadores que desenvolvem a articulação entre universidade e escola nos cursos de licenciatura.

Desse modo, entendemos que os professores, ao falarem sobre o contexto em que estão inseridos, no qual projetam suas ações pedagógicas, identificaram formas de pensar ações (proposições) que podem contribuir para avançar nas relações entre a universidade e a escola básica (anos iniciais), a partir das experiências em que estão envolvidos. Entendemos essas proposições como um pensamento coletivo, pois foram gestadas em torno do mesmo problema posto pela prática de diferentes professores. O tempo de discutir se deu nos espaços sociais que abrigam os professores formadores (escola-universidade-grupos de pesquisa) e, portanto, não se encerra em um espaço delimitado.

Considerações finais

Ao nos propormos a buscar pistas para os processos de ensino nas licenciaturas, fizemos uma análise das experiências dos professores formadores, que mostraram, em suas práticas, formas de articulação com os anos iniciais da escola básica. Consideramos essas práticas novas formas de organização, denominadas por Santos (1992) relações sociais de “tipo novo”. Essas novas relações foram apreendidas a partir das experiências dos formadores, visto que, segundo Thompson (2009), no momento em que a experiência entra em cena, é elaborada na forma de conhecimento e interfere em velhos sistemas conceituais, originando novas problemáticas. Consideramos, também, que os processos formativos estão associados ao modo como o professor concebe o ensino e este tem origem nas experiências e crenças que se estabelecem ao longo do processo de formação, da escolarização à atuação profissional (MARCELO GARCIA, 1999, 2011).

Decorre desta análise um processo de construção de sentidos e significados que pode ser lido como um fio condutor ao explicitar momentos importantes sobre a formação e experiência do formador. Esse fio condutor perpassa o tempo (desde o início da licenciatura) e os espaços (universidade e escola básica). As experiências fazem parte da vida das pessoas e delas decorrem situações problematizadoras que levam à reflexão e possibilitam a transformação da realidade existente. Percebemos a necessidade de um movimento constante nas universidades e, mais

especificamente, nas licenciaturas, no sentido de criar espaços que tenham centralidade na escola, uma vez que dela emergem as demandas para a formação de professores.

Ao discutirmos a formação de professores, almejamos pensar o processo de formação que objetive a interação entre os sujeitos e o objeto de conhecimento da docência da educação básica entendidos em sua totalidade. A orientação de processos formativos tem relação com o universo de práticas docentes, o modo como ele concebe a atividade de ensino e elabora a ação didática e, no caso deste estudo mais especificamente, o modo como ele estabelece a interlocução entre os diferentes níveis de ensino da educação básica.

Os professores, como trabalhadores da educação, gestam novas práticas, em que as experiências anteriores são levadas à consciência e incorporadas, em que a teoria expressa essa prática. Sendo assim, consideramos que a experiência dos formadores apreendida em diferentes tempos e espaços foi definida como: o período de formação inicial, o trabalho com professores dos anos iniciais, a docência no segundo segmento do ensino fundamental, as parcerias estabelecidas nas práticas de formação e a participação em grupos de pesquisa, expressando relações de “tipo novo” e configurando pistas que podem contribuir com o processo de formação de professores nas licenciaturas.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.
- ARANHA, Antônia Vitória Soares; SOUZA, João Valdir Alves de. As licenciaturas na atualidade: nova crise?. *Educ. Rev.*, Curitiba, n. 50, dez. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000400005&lng=pt&nr_m=iso. Acessos em: jan. 2016.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- CARTAXO, Simone Regina Manosso. *Licenciaturas alfabetizadoras: a interlocução dos cursos de licenciatura com os anos iniciais da educação básica*. Paraná: Curitiba, 2013. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- CARTAXO, Simone Regina Manosso; MARTINS, Pura Lucia Oliver. Licenciaturas e anos iniciais da Educação Básica: uma interlocução necessária na formação de professores. *Diálogo Educacional*. Curitiba, n. 42, maio./ago. 2014. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12750&dd99=view&dd98=pb>>.
- FORMOSINHO, João. A formação prática dos professores. Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. In: _____. (Coord.). *Formação de professores: aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto, 2009. p. 93-117.
- GARCIA, Tania Maria Braga Figueiredo. Ensino e pesquisa em ensino: espaços da produção docente. In: GARCIA, Nilson Marcos Dias et al (Org.). *A pesquisa em ensino de física e a sala de aula: articulações necessárias*. São Paulo: Livraria da Física, 2012.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2007. p. 63-78.

LÜDKE, Menga; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CUNHA, Maria Isabel da. Repercussões de tendências internacionais sobre a formação de nossos professores. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XX, n. 68, p. 278-298, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a14v206Didática8.pdf>>.

MARCELO, GARCIA Carlos. *Formação de Professores para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO, GARCIA Carlos. A profesión docente en momentos de cambio. ¿qué nos dicen los informes internacionales? *Participación Educativa*, N. 16, 2011, 49-68.

MELO JÚNIOR João Alfredo Costa de Campos. O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et al. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: edUFSCar, 2002.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. *As disciplinas pedagógicas nos cursos de licenciatura: tensões e prioridades*. Curitiba, 2009. Relatório de pesquisa.

SANTOS, José Oder dos. *Pedagogia dos conflitos sociais*. Campinas: Papirus, 1992. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico.)

SANTOS, Oder José dos. Reestruturação capitalista: educação e escola. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, FaE/UFMG, v. 13, n. 1, 70-89, jan.-jul. 2004.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 143-155, abr. 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Tradução: Waltensir Dutra. Este livro não possui copyright. Copyleft, 2009.

THOMPSON, Edward. *The essential E.P Thompson*. New York: New York Press, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Biotempo, 2007.

ZEICHNER, Ken. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Educação, Santa Maria*, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez. 2010.

Submetido em 06 /11/2015, aprovado em 16 /06/2016